



TUSQUETS  
EDITORES

LORENA PORTELA

**primeiro  
eu tive que  
morrer**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

TUSQUETS  
EDITORES

LORENA PORTELA

# **primeiro eu tive que morrer**



TUSQUETS  
EDITORES

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lorena Portela, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022, 2025  
Todos os direitos reservados.

*Edição e revisão (1ª edição):* Raquel Lima  
*Revisão técnica (1ª edição):* Juliana Espanhol  
*Revisão:* Aline Araújo e Tamiris Sene  
*Projeto gráfico e diagramação:* Camila Catto  
*Capa:* Anderson Junqueira  
*Imagem de capa:* Carolina Burgo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Portela, Lorena  
Primeiro eu tive que morrer / Lorena Portela. – 2. ed. -  
São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.  
176 p.

ISBN 978-85-422-3635-4

1. Ficção brasileira I. Título

25-1225

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está  
apoando o manejo responsável  
das florestas do mundo e outras  
fontes controladas

2025  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

DEPOIS DE BRIGAR COMIGO MESMA POR HORAS, ENTREI NO carro para pegar a estrada rumo a Jeri. Meu corpo não relaxava como deveria e eu não tinha receitas para remédios fortes que me ajudassem em alguma coisa. Encostada no banco, pensei que, quando eu voltasse, alguém estaria ocupando meu cargo na agência. Ou que eu seria rebaixada a pegar campanhas ainda mais fodidas. Quis desistir ainda na minha garagem por sete vezes, mas quando liguei o carro o motor me motivou. E senti, ali em algum canto escondido, um aceno de que estava fazendo a coisa certa.

O tempo de estrada entre Fortaleza e Jijoca é de cerca de quatro horas. No rádio, eu intercalava músicas dos Novos Baianos, da Céu, da Janis Joplin e do Jimi Hendrix. Sempre que eu dirigia ao som de Jimi Hendrix, pensava no



quanto a música dele é sensual. O álbum *Electric Ladyland*, por exemplo, me fazia pensar em estar com alguém que reagisse ao som daquela guitarra comigo, enquanto explorava, viajava pelo meu corpo. Eu sentia falta de sexo – bom, entregue, inteiro –, mas não só. Sentia saudade da dança que a intimidade proporciona num passo que é tão raro de sincronizar.

No meu pendrive havia uma playlist de quase duas horas, especial para viagens de carro. Para chegar a Jijoca eu ouvia a mesma playlist duas vezes. Aumentava o volume a ponto de não ouvir meus próprios pensamentos, enquanto tentava acompanhar a voz da Karina Buhr:

*“Enfrentar leões, enfrentar  
Passar por cima de uma coisa que tá no lugar da outra  
Mordida, a pele fica ferida  
Prossiga no pasto, no passo e siga a vida  
Por fim, a tristeza é amiga da onça  
Ensina a enfrentar leões”*

Uma vez em Jijoca, que é a cidade mais próxima de Jeri, eu costumava deixar meu carro num estacionamento público, por dez reais o dia. Como agora eu iria ficar por semanas, entrei em contato com um amigo que trabalha com turismo na cidade e deixei o carro com ele. Veículos pequenos não suportam os 45 minutos nas dunas até chegar à vila. Jeri é como uma ilha rodeada pelas dunas de um lado e pelo mar do outro, e o meu Celta – que se enquadrava na categoria

pequeno – desistiria nos primeiros dois minutos de areia. Logo, eu tinha que pegar um dos serviços de transporte 4x4 que nos leva à vila, também por 10 reais a cabeça.

Era terça-feira, o próximo feriado seria 7 de setembro, havia poucos sinais de turistas, então, acabei dividindo a picafe com moradores locais, que iam à vila a trabalho.

No caminho, olhei deslumbrada as lagoas que se formavam entre as dunas, como se tivesse acabado de descobri-las. Havia chovido poucos dias antes, a despeito do Sol de rachar a cabeça daquela manhã, e a água abundante havia dado às lagoas um tom belíssimo de verde transparente.

As lagoas apareciam aqui e ali, variando de tamanho, nunca de cor, eram sempre verdes. As dunas, altas e tão claras a ponto de doer meus olhos, contrastavam com aquele azul do céu sem nuvem. Um azul denso, ininterrupto, sem falhas.

Minha contemplação foi quebrada quando a picafe atolou na areia no meio do percurso, próximo a uma das lagoas. Os homens desceram para ajudar o motorista a desatolar o carro. Não nos deixaram, mulheres, ajudar. Enquanto eles faziam o trabalho, perguntei ao motorista se podia dar um mergulho, coisa rápida. Ele disse que sim, sem problemas, desde que não passasse de cinco minutos e eu usasse a minha toalha para sentar no banco do carro, quando voltasse. E acrescentou, dando risada:

— Olha, dona, a senhora tome cuidado pra não ser uma lagoa encantada, hein?

Ele disse isso mostrando todos os dentes, me fazendo decorar um a um, e os outros acompanharam a risada, repetindo:

— Cuidado, moça, não vai muito fundo, hein? Vamos ficar de olho aqui.

Eu sabia que eles estavam brincando. Lagoa encantada era coisa que minha avó dizia quando passávamos as férias com ela, em Flexeiras. Vovó tinha uma casa naquela praia, que é outro paraíso, e falava de lagoa encantada, de beco encantado, de morro encantado e, quando queria nos deixar pelando de medo, até de assobio encantado.

Quando criança, eu arrepiava só de pensar em ouvir aquele assobio que ensurdecia as pessoas, para começar a sequência de coisas piores que se seguiam, segundo a minha avó. Um assobio fino como canto de passarinho novo, que ninguém sabe de onde vinha, dizia ela. Se eu ouvisse um sopro de vento ali longe, já tremia igual a vara verde, achando que era chegada a hora de o assobio vir me buscar.

A caminho da lagoa, que estava a poucos passos do grupo, me senti entre a dor e a dormência. Pelos meses de trabalho acumulado, pelas horas dirigindo, pelo esgotamento da cabeça que derretia. O vento entre as dunas era forte, quente e os grãos de areia batiam sem piedade na minha pele. Eu usava um biquíni por baixo do vestido, que tirei na beira da água.

Fiquei parada, olhando aquela imensidão cor de areia, cujas formas mudavam de acordo com a vontade do vento. Tanto as dunas quanto as lagoas existiam aqui e ali por uma vontade imperativa da natureza. Do vento, forte o suficiente para mudar as dunas de lugar; e da chuva, generosa, dando forma às lagoas. O cenário resultava numa beleza comovente. Olhei para aquele verde cristalino, o vento sacudindo a água devagar, formando ondas assim miúdas, que dançavam da direita para a esquerda.

Das pequenas criaturas do mundo, visíveis com ou sem lente, eu me sentia a menor. Me imaginei olhando para o meu corpo, lá do alto do céu, e me vendo ali, minúscula. A visão de mim mesma, do alto, me paralisou como Narciso e eu não conseguia entrar na água, embora mergulhar ali fosse tudo que eu queria, tudo que eu precisava. Olhei para trás para me certificar de que o grupo continuava onde eu havia deixado. Eu ouvia as vozes deles conversando, mas precisava ver para confirmar.

— Ihhh, moça, vai entrar ou não vai? Já desatolamos o carro, precisamos ir embora.

— Vou sim — gritei. — Me aguardam três minutinhos?

Meu coração batia acelerado, sem motivo aparente. A adrenalina de decidir mergulhar naquele momento ou não fazê-lo nunca mais me impulsionou para a água, num só afundamento. Com meu corpo inteiro submerso naquele verde transparente, eu não ouvia nada. Nem as vozes, nem o vento, não sentia frio, nem calor. A lagoa era densa, como geralmente é, porque a água doce é diferente da salgada,

que ajuda a flutuar. Senti meu corpo de uma forma tão desmanchada e ao mesmo tempo tão inteira, que parecia que a minha alma havia se deslocado e eu era só matéria. Poderia até ser lagoa encantada mesmo, pensei, com o meu corpo de água, fundido em seu próprio elemento. Pairando.

Eu estava a menos de cinco passos da beira da lagoa e, mesmo assim, quando tentei tocar meu pé no chão, não consegui. A ideia de ter ido parar numa profundidade que me cobria até a cabeça me deu medo, mas reagi com calma e dei leves braçadas, até chegar à margem e sair.

Fora da água, me percebi fisicamente sensível a cada toque das gotas, como se eu pudesse acompanhar o caminho que a água fazia no meu corpo. Não só uma gota, mas todas elas ao mesmo tempo, em sequência, cadentes. O barulho do vento também entrava no meu ouvido como um sibilo claro, como uma voz própria, serena. Lembrei da minha avó e sua mania de misticismo. Mesmo com o cabelo colado às minhas costas, sentia o vento passar pela minha nuca. Eu não estava assustada com essas sensações, embora fossem todas novas para mim. Era como ter engolido com o corpo uma droga que me deixava receptiva à água e ao vento, os elementos mais poderosos da natureza.

Depois de me enxugar e colocar o vestido de volta, olhei para trás de novo e estranhei a distância. Não lembro de estar tão longe assim do grupo. Na minha memória de cinco minutos atrás, eles estavam a poucos metros de mim e agora pareciam mais longe e passei a andar mais rápido para alcançar o carro. Coloquei uma toalha enxuta no banco e

sentei, com todos os olhos dos meus companheiros de viagem em mim, o que me incomodou, me acuou, mas não reclamei.

Permanecemos num desconfortável silêncio e, depois de dar partida, o motorista – para meu desafio – perguntou.

— Foi bom o banho?

— Sim, foi muito gostoso — eu disse, visivelmente aliviada com o início de uma conversa.

Os olhos, em grupo, voltaram a me fitar.

— Eu fiz alguma coisa errada? Tenho a impressão que vocês estão me avaliando.

— Não fez não, senhora. Eu só comentei com eles que achei engraçado o carro ter parado aqui. Justo aqui.

— Por quê?

— Nada não, dona, vamos seguir viagem que tem chão ainda.

Não insisti, apesar dos pelos dos meus braços, ainda levemente molhados, terem se levantado. Neste momento, já era possível avistar as primeiras casas. Fui a Jeri mais vezes do que posso contar e ainda sinto a mesma coisa ao ver a vila despontar entre as dunas. Aquela imagem que me traz uma sensação de pertencimento, como se eu tivesse brotado daquele lugar e, a partir dele, tivesse aprendido a existir. A certeza de estar ali porque é ali, e em nenhum outro lugar, que eu deveria estar.



# 1.



## QUANTO TEMPO SE LEVA PARA MORRER?

Pergunto porque tem pessoas que morrem bem lentamente, de doença ou algo assim. Vão morrendo as células, aos poucos, e, então, nada. Ou tudo, quem sabe. Outras se vão rápido. Um tiro na cabeça, bum! Acabou. Uma pancada forte na nuca é daquelas coisas ligeiras que acabam com a vida num instante também. Mas, um instante é quanto, rápido quanto?

E mesmo quem morre devagar, quem está morrendo aos poucos, como dizemos, tem a hora de morrer, morrer mesmo. Aquele segundo – é um segundo, ou um milésimo de segundo ou uma fração de milésimo de segundo? – entre viver e não viver mais. Estar vivo, estar morto. O que separa essas duas coisas, ter vida e não ter?

Os cientistas, os médicos, sabem tudo sobre o desfalecimento do corpo. Os religiosos têm diversas teorias sobre

o destino do espírito. No entanto, a questão não é essa. Não é sobre o corpo parar, nem para onde vai a nossa alma. É sobre o que define morrer rápido e morrer devagar, se, afinal de contas, morrer é uma coisa só. Um ato único, indivisível. Qual a métrica de tempo que mede essa passagem, que define o fim da vida?

Eu olhava o relógio na sala de criação. Aquela parede branca com uma luz fria e umas frases pintadas que deveriam ser engraçadas, mas não eram. Publicitário tem a questão da piadinha. A tirada. Ah!, tem que ser uma frase com “tirada”, dizem, sabe-se lá que merda é essa. E, às vezes, só para ter a porra da tirada, mete uma frase ruim. Foda-se. Tirada ruim, na cabeça de publicitário, é melhor do que um pensamento decente.

O relógio de novo. Os ponteiros. A métrica da morte.

A vontade de desaparecer era repetitiva, como o relógio que eu ouvia marcando segundo a segundo. O barulho do ponteiro se mexendo tranquiliza e desespera ao mesmo tempo. Acho que isso também acontece quando, à beira do abismo, temos consciência de que é o fim. Deve ser tanto triste quanto pacífico saber que acaba em breve. A dor e o descanso, talvez.

Eu queria mesmo estar bem longe dali. E quando eu pensava em longe, não sei por que, visto que nem é assim

tão longe, eu pensava em Jericoacoara, aquela vila que tem a coisa, aquela coisa, que nenhum outro lugar do Brasil tem.

Muita gente, incluindo os *digital influencers* – a nova profissão do mundo inteiro –, fala de lugares na Bahia, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, mas desconfio. Jeri não tem concorrente, mesmo com o ataque obsceno das privatizações que insistem em destruir aquilo ali. Jeri não é de ninguém e insistir nisso é tipo querer ser dono do céu, sabe? Sequer é um lugar físico. Quer dizer, sim, existe no mapa, mas é besteira definir as coisas assim, com linhas e demarcações. Jeri é pé na areia, caipirosca de seriguela em copo de plástico, PF depois da praia, crepe à noite, brownie de ervas clandestinas, forró com cachorro assistindo, pão quentinho de madrugada e pousada barata, porém honesta. É o pôr do sol com banho de mar mais reenergizante que existe. Ninguém pode ser dono dessas coisas.

Aquela vila pequena é um espaço de sensações que eu repassava na cabeça justamente por não tê-las. Ou por tê-las tão distantes – de mim, do agora – que era como se nem existissem.

Eu estava trabalhando, já há quase seis anos, como coordenadora criativa em agências de publicidade, depois de uma passagem por jornais e estudos fora do país. Dois anos naquela agência atual. Comandava uma pequena equipe e era subordinada a um diretor de criação que comandava a todos.

Um cara muito menos competente do que tinha certeza que era. Menos talentoso do que pensava, mas que se vendia bem e isso conta bastante num mercado cujo propósito é fazer com que todo mundo compre mentiras e finja ser feliz com isso. Ele era o sanduíche que você recebe daquela rede de *fast-food*, que é tão diferente da foto. O vestido que você recebeu do site duvidoso, comparado à imagem que lhe fez confirmar a compra.

Dentre as competências do meu diretor de criação estava a de duvidar de ideias boas do restante da equipe, apenas porque não tinha sido ele o cérebro por trás delas. Também era deveras competente em, acidentalmente, mandar fotos não solicitadas do próprio pênis numa conta do Snapchat que eu usava pouco. Geralmente o acidente acontecia de madrugada. Ainda era bom em gastar metade do salário – alto – em cocaína. Que, às vezes, cheirava no banheiro da agência mesmo. Mas, para isso, eu não dava a mínima.

Era daqueles homens que bastava ver uma vez e qualquer um saberia que, dentre todas as profissões no mundo, ele só podia ser publicitário. O orgulho de ser clichê. Um homem assim, digamos, bonitão até, tem quem goste. Barba e cabelo bem cheios, armações de óculos grossas, pretas. Solteiro, mais de 40 anos na fuça e camisetas de personagens de desenho animado. Tênis com estampa quadriculada. Mais dinheiro gasto em tatuagens do que em livros ou viagens, isso era óbvio. Um filho de 6 anos, criado e sustentado só pela mãe, que ele via a cada 15

dias, mas que rendia fotos, legendas e hashtags bonitas no Instagram. Escrevia sobre o feminino, palavras dele, sem fazer a menor ideia do que estava fazendo. Amava as mulheres, seus corpos, sua liberdade, mas detestava maquiagem, por exemplo. Descobri quando ele disse, para quem quisesse ouvir na sala de criação, que não ia mais sair com fulana de tal porque ela usava maquiagem demais. Eu conhecia a moça e ela me parecia agradável, gente boa, inteligente. Mas foi desqualificada porque gostava de pintar a cara. O nosso homem em questão amava a liberdade, desde que não fosse a liberdade da mulher de pintar o rosto da forma que bem entendesse. E já eram os anos 2000.

Também era DJ, claro, não tinha como não ser. E popular nas redes sociais. Elogios como “foda”, “gênio” eram numerosos nos comentários de suas fotos – as que eu rolava minutos a fio a fim de alimentar o desprezo e o desgosto. *Gênio*. A descrição dada a Einstein ou, sei lá, a Saramago, era distribuída sem economia ao meu diretor de criação, o rei da tiradinha.

Os elogios, muitos, vinham de mulheres, sim, mas principalmente dos amigos homens, tremenda *broderagem*. É curioso observar que homens são econômicos ao elogiar mulheres pelas quais eles não têm interesse sexual. Não é comum ver comentários masculinos sobre trabalhos ou performances femininas em perfis ou sites de intelectuais, artistas, cantoras, filósofas, escritoras e afins. Mas esses mesmos homens não perdem tempo em lamber e alimentar o já grande ego uns dos outros nas redes sociais ou em

qualquer espaço público. Querem ver um homem babar? Coloquem outro cara mediano na frente dele.

Entre fotos de pênis meio embaçadas e flagras de um nariz esbranquiçado, eu passava meus dias – e noites – na agência. Sacrificava fins de semana, feriados, saúde, mente, corpo. Relacionamentos também.

Não que terminar os relacionamentos que eu tinha fosse uma grande tragédia emocional, convenhamos. Mas os amores nasciam e morriam sem que eu me desse conta da *causa mortis*. Na boca deles, dos caras, o obituário vinha com o meu nome na causa. Devia ser mesmo, nunca contestei, não tinha ânimo para isso. Às vezes, nem abria a porta para que eles saíssem. Quando sair, apaga a luz, eu dizia, preguiçosa, largada, sem energia nem para odiar.

Esta sequência de lembranças era repetitiva na minha cabeça. Diariamente. Incansavelmente. Uma cascata ininterrupta. Um pensamento que levava a outro e trazia outros, e outros, me levando para um buraco cujo fundo podia sempre ir além.

Quando a velocidade desses pensamentos aumentou, contrastando com os meus movimentos, chegou a mim a notícia de que eu precisava de uma pausa. Não de férias, que me deixavam mais cansada. Pausa mesmo. Um hiato, um espaço de tempo determinado clinicamente para que eu pudesse me cuidar. Tratamento foi uma palavra que escapou uma vez. Achei meio forte e mudaram a

palavra. Tiveram mais atenção e virou “se cuidar”. Essas palavras se amontoavam num conjunto de significados que eu desconhecia.

A sugestão, na verdade, veio da Denise, minha amiga terapeuta, e de meia dúzia de outras amigas preocupadas com os meus aparentes cansaços físico e mental, com o meu isolamento por conta do trabalho, com minhas olheiras e perda de peso. Essa última era algo que me incomodava, especialmente.

Os elogios ao meu corpo chegavam sem convite. Perguntavam sobre o tipo de dieta que eu fazia, se era a do carboidrato, da proteína, da lua, do chá, do jejum. Diziam que eu estava elegante. Eu achava curioso o uso do adjetivo elegante relacionado a mim, enquanto eu usava calça jeans, camisa e tênis. O cabelo estava sempre preso num rabo de cavalo preguiçoso. O elogio, no entanto, era recorrente. E tudo que eu via em mim era alguém que não comia por apatia, porque o mundo era um lugar sem gosto, porque acordar todas as manhãs para cumprir prazos inviáveis e lidar com um diretor tirano e boçal é dessas coisas que impedem a comida de passar pela boca.

Além da montanha de trabalho, a relação com ele, o diretor, transformava a minha energia em lodo. Mais ainda porque eu era uma das únicas três mulheres da equipe (incluindo uma estagiária) e nosso chefe o apoiava em quase tudo. Tinha muita discussão dentro da sala, muita interrupção em reuniões, muita refeição sem sentido. O trabalho caía como uma pedra na minha mesa, num passe de

mágica, sem sequer ser cogitado para outra equipe. Os trabalhos criativamente menos desafiadores eram meus. Alguns dos mais desafiadores também, quando o intuito era ganhar concorrências.

Não que eu fosse santa, porque eu não era. Eu rebatia, também brigava, gritei umas vezes porque ainda tinha sobrado algum sangue nas veias. Deixava claro que discordava, tentava buscar, em vão, ajuda para mudar o cenário. No entanto, eu estava sozinha nessa ilha. Quando o volume de trabalho aumentava, eu me entregava. Quando eu resistia, era pensando nas outras duas mulheres da equipe, que tinham cargos abaixo do meu na hierarquia da agência. Uma assistente e uma estagiária. Eu brigava porque imaginava as duas pensando: se ela não fizer nada, que esperança nos sobra?

Em alguns momentos, me animei, achando que eu poderia ganhar essa briga. Depois de um tempo, anos, eu não estava mais preocupada em ganhar briga nenhuma, eu só não queria desistir. Como se fazer isso demonstrasse fraqueza, como se desistir de toda aquela merda fosse me diminuir ainda mais, como se fosse possível ficar menor do que aquilo em que eu tinha me transformado. Eu ainda não sabia que desistir, em muitos casos, é ganhar.

E então eu trabalhava doente, com cólicas delirantes – algo que homens são incapazes de entender por pura limitação física, mas que poderiam tentar –, com problemas graves na família, com dor de barriga, com relacionamento fodido. Já havia chorado no banheiro, já havia vomitado de



nervoso, escondida, para ninguém me ver. Tomava doses de café e energético suficientes para manter um cavalo de corrida acordado. Dirigia meu carro de manhã pressionando a lateral da minha barriga contra a fivela do cinto até ficar a marca, até criar uma crosta, até eu tirar a casca. Para sentir dor e esquecer o nervosismo de estar a caminho do trabalho. Um autoflagelo antes das 8h. Era meu café da manhã. Bom dia.

Tudo por um salário decente – que pagava minhas contas, meu aluguel de apartamento com varanda, minha terapia, e sobrava, ok – mas era principalmente por razões que eu não entendia. Também para ver aquele babaca com quem eu dividia uma sala ganhar prêmios à custa da minha equipe, em festas que eu odiava, com gente que eu desprezava.

Como é patética a figura de alguém que ama ganhar sozinho os louros de uma equipe inteira. Ele lá, em cima do palco, aplaudido, vomitando ética e trabalho duro. A lembrança do pau dele, mediano e meia-bomba depois de uma patolada nervosa, bem diante dos meus olhos.

Eu não costumava recorrer a memórias do passado, mas a foto daquele pênis me lembrava com mais nitidez do que eu gostaria da primeira vez em que fui constrangida no trabalho. Assédio não era uma palavra que usávamos muito naquela época. Adotávamos, quando muito, um “constrangimento”, uma coisa que não parece assim tão grave.

Foi no alto dos meus 19 anos, dois anos depois de eu ter perdido a virgindade com um namorado que me adorava. E que, por me amar *tanto e tanto e tanto*, como dizia, me pressionava dia e noite para que o sexo fosse a prova da reciprocidade. Acabou que provei meu amor e depois tinha que provar mais. E as provas de amor não podiam parar. Mas essa é outra história.

Dezenove anos, meu primeiro estágio de quatro horas e um salário risível. Uma ajuda de custo, digamos. *Mas que sorte a sua, muitos não conseguem estágio no primeiro semestre da faculdade*, a frase se repetia com frequência. Meu chefe era feio, dentes horríveis, uma cara mal diagramada mesmo, e pequeno, casado, dois filhos, uns 50 anos. Um dia me chamou para sair, para ir vê-lo tocar num show de rock. Rá!

Não entendi o convite, ele insistiu. Depois entendi o convite, mas fingi que não. Talvez para ser mais claro, ele criou o hábito de fazer massagens nos meus ombros quando passava por trás da minha cadeira, sob o olhar atento dos meus colegas. Eu com meu corpo teso, gelado, torcendo para que fosse só massagem, implorando aos deuses nos quais eu não acreditava que aquele projeto de homem só quisesse acariciar minhas costas enquanto eu engolia a ânsia de vômito, o próprio vômito, mas que fosse só aquilo e que acabasse logo. Ele sempre teria massagens para fazer considerando a tensão que me causava e meus ombros, sempre rijos de medo, eram motivo de observação, ora vejam só. Nossa, você está muito tensa, gatinha, precisa relaxar

um pouco, dizia, com a voz melosa e doce como flor de funeral. Eu queria relaxar, na verdade. Mas as mãos dele em cima de mim não ajudavam muito.

Passei a sentir a barriga a menos cinco graus Celsius a cada vez que ele se aproximava. Minha concentração diminuiu ao longo dos meses e levou meu rendimento junto. Com a produtividade baixa, o projeto de hobbit pediu para que eu sentasse numa mesa bem ao seu lado, para que ele pudesse acompanhar meu trabalho mais de perto. Vai ser bom pra você, ouvi. Ao invés de melhorar o meu ritmo e a minha performance de trabalho, passei a ouvir ligações que ele fazia para mulheres com conteúdo nauseantemente erótico. O fato de eu estar bem ao lado dele não o inibia, pelo contrário, alguma coisa me dizia que o fato de eu estar ali do lado era o que o encorajava. E tinha o extra de um barulhinho feito com a boca, os lábios se despregando daquela caverna medonha, cheia de dentes tão feios quanto.

A minha vergonha, no entanto, aumentou quando comentei por alto sobre o meu incômodo com um colega e ele me disse que eu era simpática demais e que, talvez por isso, o chefe tenha se sentido à vontade comigo, que não era motivo para histeria da minha parte. Histeria. Eu não estava histérica. Eu estava tensa. Com medo. Com vergonha. Eu tinha 19 anos. Era meu primeiro trabalho. Eu não sabia o que fazer. Foi a minha primeira desistência de um emprego. Mal sabia eu que os próximos não seriam assim tão diferentes.

Mas isso faz tempo.

Cheguei aos 30 anos, meus problemas eram outros, ainda que tão parecidos, como um amigo que muda ao longo dos anos, mas ainda reserva aquele jeito de falar que nos conecta com o amigo do passado. Pelo visto, eu estava boicotando minha vida e minha saúde, palavras de quem me rodeava. Denise concordava com eles a ponto de ter me dado um ultimato: descanso voluntário ou apelar para a minha família, que ela conhecia muito bem. Estava disposta a quebrar barreiras da sua profissão para não me ver adoecer ainda mais. Não sei se ela estava blefando, mas passou a soar mais ameaçadora e resolvi levar a sério. Para não ver a minha família envolvida nisso, para mantê-los todos no lugar que lhes cabia, longe, optei pelo descanso voluntário, depois de negociar quase oito semanas de férias com o dono da agência, que foi surpreendentemente compreensivo.

Combinamos que eu teria as oito semanas de folga, quatro delas remuneradas, porque eu tinha direito. Outras quatro não remuneradas, porque não estava na cartilha do direito trabalhista. Eu ri. Naquele momento, enquanto ele falava de leis, eu lembrava que parte das campanhas que garantiram um gigantesco faturamento anual à agência tinha saído da minha cabeça doente, que virou noites, feriados e fins de semana trabalhando. Uma cabeça que não merecia descanso remunerado. Acatei a lei.

O dono da agência não era um homem ruim, para ser honesta. Era gentil, inteligente, gostava de conversar e de ouvir, o que é raro. Mas, como dono e rico, nos via poucas

vezes, fazia vista grossa para os problemas e era amigo de longa data do diretor de criação, o que dificultava as coisas. No cenário que descrevi durante a reunião, sem entrar em detalhes, ele não se opôs ao meu descanso, desde que eu voltasse no prazo combinado. Com mais ideias, fresca, potente como um foguete, voando para além do céu.

Seria a primeira vez, desde que tinha entrado no mercado, contando períodos de estágios, que eu passaria dois meses sem trabalhar. Minhas férias se limitavam a três semanas e, de vez em quando, eu recebia trabalho no meio daquele período. Só uma revisão, uma olhadinha. Uma olhadinha rápida. Vai ser rapidinho. A frequência irritante dos diminutivos que mentem, mentem, mentem.

Aos 30 anos, eu teria outra estreia importante: ficaria sem fazer nada porque meu corpo não suportava. Três décadas de vida e eu já tinha me maltratado o bastante para ter que parar. Ou morrer. Eu não sabia nada sobre descanso. Aqueles sessenta dias à minha frente eram o desconhecido.